

# NICOLAU DE CUSA. O ápice da teoria.

Tradução por  
José Teixeira Neto  
Francisco de Assis Costa da Silva\*  
Data de submissão: 5 maio. 2010  
Data de aprovação: 5 jun. 2010

O presente trabalho não pretende ser uma tradução crítica do último escrito de Nicolau de Cusa (1401-1464). Interessa-nos apresentar, principalmente aos nossos estudantes, uma amostra da potente especulação filosófica do Cusano na esperança de que a leitura desse diálogo os estimule a conhecer o Cardeal de Cusa e a sua filosofia. O *De apice theoria*, escrito em 1464, ano da morte Nicolau de Cusa, apresenta-se em forma de diálogo com o seu secretário Pedro de Erklentz. A obra foi traduzida para o alemão com o título *Die höchste Stufe der Betrachtung* (O degrau mais alto da contemplação); a tradução inglesa manteve o título original, mas incluiu uma “explicação” entre parênteses: *De apice theoriae* (concerning the loftiest level of contemplative reflection). Os tradutores italianos preferiram traduzir literalmente o título por *L'apice della teoria* em duas versões diferentes. Já o tradutor espanhol traduziu por *El cumbre de la teoria* justificando que a palavra “ápice” em espanhol é ambígua. Entretanto, manteve o termo teoria pelo seu “conteúdo metafísico” e pela sua relação com “visão” não afastando a possibilidade de traduzir *theoriae* por contemplação (Luis González, 2001, p. 232). No Brasil existe uma tradução do *De apice theoriae* na revista Scintilla (Curitiba, vol. 4, n. 1, p. 131-139, jan.-jun. 2007. Disponível em: < <http://www.saoboaventura.edu.br/pdf/scintillavol4n1.pdf> >.). Porém o texto está incompleto, pois falta a parte que vai do número [5] linha 10 até o número [6] linha 13 (conforme versão bilíngüe latim-alemão).

---

\* José Teixeira Neto é mestre em Filosofia pela Pontificia Università Gregoriana di Roma (PUG-Roma), doutorando em Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PIDFIL/UFPB-UFRN-UFPE) e professor do Curso de Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CAS/UERN). Francisco de Assis Costa da Silva é doutor em Teologia pela Pontificia Università Gregoriana di Roma (PUG-Roma), com bacharelado em Letras Clássicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), atuando na área de Língua e Literatura Latinas.

Por outro lado, a nossa tradução se diferencia daquela pelas notas explicativas que apresentamos e pelo cotejamento junto a versões relevantes em diferentes idiomas. Por último, e mais importante, distanciamos-nos do referido texto quanto à tradução do termo *posse ipum*. Ali o tradutor verteu literalmente o título da obra por *O ápice da teoria*. Ao preferirmos esta última tradução não esquecemos o significado originário do termo teoria. Ainda sobre o título citamos um importante texto de André (1997, 284-285): “O título é de difícil tradução. Não tanto por causa do conceito de ‘*apex*’, que significa o cume ou o ponto mais alto, mas exatamente devido à complexidade que está envolvida no conceito de ‘*theoria*’. ‘*Apex theoria*’, como cume da teoria, tanto pode significar o cume da contemplação (e já aqui se nota uma riqueza semântica, na medida em que o cume da contemplação tanto pode ser o ponto a partir do qual se contempla como o ponto mais alto que se contempla), como o cume da visão ou até mesmo da especulação. Mas, ao mesmo tempo, a origem etimológica de ‘*theoria*’ (e é sabido quanto Nicolau de Cusa procurava tirar partido da etimologia das palavras, embora, em alguns casos, essa etimologia fosse mais fantasista que filológico-criticamente comprovável), tal como o autor a encara, prende-se com Deus (θεος) que o autor faz derivar de θεωρεω ou θεωρω, assumindo os dois significados que esta palavra tem originalmente em grego: ver e correr. Neste contexto, o ‘cume da teoria’ significa obviamente Deus, mas não apenas enquanto o cume da contemplação; significa-o também como ponto para o qual se caminha, que orienta essa mesma caminhada, constituindo o seu fim, que nos vê enquanto caminhamos e nessa visão alimenta a nossa visão dele, para que o esforço da corrida não seja em vão”.

Para nosso trabalho consultamos as seguintes traduções do *De apice theoria*: a) KUES, Nikolaus von. *De apice theoriae/Die höchste Stufe der Betrachtung*. In: KUES, Nikolaus von. *Philosophisch-Theologische Werke*. Lateinisch-deutsch. Band IV. Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 2002. p. 1-43. b) CUSANO, N. *De apice theoriae/ L’apice della teoria*. In: CUSANO, N. *Scritti filosofici*. Traduzione di G. Santinello. Bolonha: Zanichelli, 1980. Vol. I com texto latino à frente. p. 363-387. c) CUSA, Nicolás de. *La cumbre de la teoría*. In: CUSA, Nicolás de. *Diálogos del idiota; El Possest; La cumbre de la teoría*. Introducción, traducción y notas de Ángel Luis González. Navarra: EUNSA-Ediciones Universidad de Navarra, 2001. p. 197-249. d) CUSA, Nicholas of. *De apice theoriae (concerning the loftiest level of contemplative reflection)*. Translated into English by Jasper Hopkins. Minneapolis: The Arthur J. Banning Press, 1998. p. 1422-1442. Em alguns casos optamos por aproximar o nosso texto a uma ou outra tradução em particular, porém sempre verificando o texto latino. Em outras situações foi

necessário citar, em rodapé, não somente o texto latino, mas as traduções em alemão, italiano, espanhol e inglês para que o leitor mais experiente possa comparar a nossa tradução de termos ou frases que indicam conceitos importantes da filosofia do Cusano. Da edição alemã seguimos a numeração marginal, aqui indicada entre colchetes.

[1]

## O ápice da teoria

*Interlocutores: o Reverendíssimo Senhor Cardeal de São Pedro e Pedro de Ercklentz, canônico de Aquisgrana*

**Pedro.** Vejo que foste arrebatado em uma profunda meditação por alguns dias, a tal ponto que temi muito perturbar-te ao dirigir-te as perguntas que me acorriam. Agora, já que te encontro menos absorto e feliz<sup>1</sup>, como se tivesse encontrado algo grandioso, espero que me desculpes se te pergunto por mais tempo que o habitual.

**Cardeal.** Ficarei feliz. Com freqüência me admirei do teu silêncio tão prolongado porque há quatorze anos me tens ouvido muito, em público ou em particular, sobre as descobertas dos meus estudos e reunistes muitos opúsculos que escrevi. Agora, que pela graça de Deus e por meio do meu ministério, alcançastes a divina dignidade do sagrado sacerdócio, chegou a hora de começares a falar e a perguntar.

[2]

**Pedro.** Tenho vergonha da minha imperícia. Todavia, confortado por tua benevolência, pergunto sobre qual novo assunto meditastes<sup>2</sup> nestes dias

---

<sup>1</sup> a) **Latim:** “*Nunc, cum te minus intentum et quasi magni aliquid invenisses laetum reperiam*”; b) **Alemão:** “*Da ich dich nun etwas entspannter und frohgemut antreffe*”; c) **Italiano:** “*ora, poiché ti trovo meno assorto e lieto*”; d) **Espanhol:** “*Ahora, ya que te encuentro menos abstraído y alegre*”; e) **Inglês:** “*But since I now find you to be less intent and to be joyous*”.

<sup>2</sup> a) **Latim:** “*quod his Paschalibus in meditationem veni*”; b) **Alemão:** “*was das Neue ist, das in diesen Ostertagen in deine Überlegung einging*”; c) **Italiano:** “*chiedo su quale argomento nuovo tu abbia*

de páscoa. Pensava que já tivestes completado toda a especulação, que está exposta em muito dos teus diferentes livros.

**Cardeal.** Se o apóstolo Paulo, arrebatado ao terceiro céu<sup>3</sup>, não chegou a compreender o incompreensível, ninguém jamais chegará a saciar-se com o que é maior que toda compreensão, mas dedicar-se-á sempre a compreender melhor.

**Pedro.** O que procuras?

**Cardeal.** É isto mesmo.

**Pedro.** Eu te pergunto e tu zombas de mim. Eu pergunto o que procuras e tu respondes “é isto mesmo”, a mim que nada digo, apenas pergunto.

**Cardeal.** Ao dizer o “que procuras”, falastes corretamente, porque procuro o “*quid*”<sup>4</sup>. Todo aquele que procura, busca o “*quid*”, pois se não procurasse algo, quer dizer, o “*quid*”, certamente não procuraria. Portanto, eu – como tantos estudiosos – procuro o “*quid*”, porque desejo muito saber o que seja o próprio “*quid*”, ou a quididade que em tão alto grau é procurada.

**Pedro.** Achas que pode ser encontrada?

**Cardeal.** Certamente. Pois a motivação de encontrá-la, presente em todos os estudiosos, não pode ser em vão<sup>5</sup>.

*meditato in questi giorni pasquali*”; d) **Espanhol:** “*pregunto sobre qué nuevo asunto has reflexionado en estos dias de Pascua*”; e) **Inglês:** “*I ask what new thing it is which has entered your meditative reflection this Easter season*”.

<sup>3</sup> II Cor. 12, 2: “*Scio hominem in Christo ante annos quattuordecim – sive in corpore nescio, sive extra corpus nescio, Deus scit – raptum eiusmodi usque ad tertium caelum*”. “Conheço um homem em Cristo que, há quatorze anos, foi arrebatado ao terceiro céu – se em corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe!”

<sup>4</sup> Preferimos não traduzir o “*quid*”, pois, morfológicamente falando, conduz melhor ao termo “quididade”.

<sup>5</sup> **Latim:** Cardinalis: “*Utique. Nam motus, qui omnibus studiosis adest, non est frustra*”; b) **Alemão:** Kardinal: “*Durchaus. Der Drang nämlich, der allen Forschern zu eigen ist, geht nicht ins Leere*”; c)

**Italiano:** Cardinale: “*Certamente. La tensione della ricerca che è in tutti gli studiosi non può essere vana*”; d) **Espanhol:** Cardenal: “*Ciertamente. Pues el esfuerzo por encontrarla, que está presente en todos los estudiosos, no puede ser vano*”; e) **Inglês:** Cardinal: “*Yes, indeed. For the motivation which is present to all scholars is not in vain*”.

[3]

**Pedro.** Porém, se até o momento ninguém a encontrou, por que tencionas além das tentativas de todos os outros?

**Cardeal.** Penso que muitos, de alguma forma a viram e deixaram em seus escritos a memória da sua visão. Pois a quididade, que sempre foi, é e será procurada, se fosse completamente desconhecida, como poderia alguém procurar, se inclusive uma vez descoberta, permanecesse desconhecida? Por isso dizia um certo sábio que a quididade é vista por todos, ainda que de longe.

[4]

Convicto há muitos anos de que é preciso procurar a quididade além de toda capacidade cognoscitiva, antes de toda diversidade e oposição, não atentei<sup>6</sup> que a quididade, subsistente em si, era a subsistência invariável de todas as substâncias, e, por conseguinte, não era multiplicável, nem plurificável<sup>7</sup> e que, portanto, a quididade não era diferente nos distintos entes, mas a mesma hipótese de todos. Compreendi depois que necessariamente há que afirmar que a mesma hipótese ou subsistência pode ser. E já que pode ser, certamente não pode ser sem o *próprio poder*<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> a) **Latim:** “*non attendi?*”; b) **Alemão:** “*habe ich nicht beachtet?*”; c) **Italiano:** “*non badai ché?*”; d) **Espanhol:** “*no presté sin embargo atención?*”; e) **Inglês:** “*I failed to notice?*”.

<sup>7</sup> a) **Latim:** “*ideo nec multiplicabilem nec plurificabilem?*”; b) **Alemão:** “*daß sie deshalb weder vermehrt noch vervielfältigt werden kann?*”; c) **Italiano:** “*né multiplicabile né plurificabile?*”; d) **Espanhol:** “*no era multiplicable, ni plurificable?*”; e) **Inglês:** “*that it is neither replicable nor repeatable?*”.

<sup>8</sup> O termo “*próprio poder*” sempre aparecerá em cursivo na nossa tradução indicando o último nome com o qual o Cusano significa o princípio primeiro e absoluto. a) **Latim:** “*Et quia potest esse, utique sine posse ipso non potest esse?*”; b) **Alemão:** “*Und da sie sein kann, kann sie schlechterdings nicht sein ohne das Können?*”; c) **Italiano:** “*E poiché essa può essere, non lo può senza lo stesso potere?*”; d) **Espanhol:** “*Y ya que puede ser, ciertamente no puede ser sin el poder mismo?*”; e) **Inglês:** “*And because it is possible to be, surely it cannot exist apart from Possibility itself?*”. André (1997) traduz o termo *posse ipsum* por “*poder-ele-próprio*”. Para uma discussão sobre o uso do termo poder e da sua utilização como “nome” para o princípio fundante remetemos o leitor para o texto de André (1997, p. 254-296. cap. IV, “O princípio fundante e as suas diferentes expressões”, tópico 3, “O princípio fundante como poder”). Nestas páginas o autor apresenta os momentos centrais em que o Cardeal de Cusa utiliza o termo e afirma que “A conceptualização do Máximo a partir do poder ou a forma como o Máximo se diz e escreve enquanto poder nos textos cusanos, significando uma alteração profunda do esquema aristotélico-tomista, não é simples e nem instantânea. Estende-se ao longo de um vasto percurso que vai desde a sua pré-inclusão no *De docta ignorantia*, à sua primeira e explícita assumpção no *De possesset*, para depois, mediante um período de transição

Pois, como poderia ser sem poder? Por conseguinte, o *próprio poder*<sup>9</sup>, sem o qual nada pode nada, é aquilo a respeito do qual nada de mais subsistente pode existir. Por isso, é o mesmo “*quid*” procurado, quer dizer, a quiddidade mesma, sem a qual nada pode ser. Desta teoria<sup>10</sup> me ocupei com grande júbilo durante estes dias festivos.

**Pedro.** Já que sem o poder, nada pode nada, como afirmas – e vejo que dizes a verdade – e que sem quiddidade certamente não existe nada, vejo claramente que o *próprio poder* pode chamar-se quiddidade. Todavia me admira que não sejam suficientes as muitas coisas que precedentemente afirmastes sobre o *possess* e que expusestes nesse triálogo<sup>11</sup>.

[5]

**Cardeal.** Verás em seguida que o *próprio poder*, a respeito do qual nada pode ser mais potente, anterior e melhor, é mais apto para nomear aquele sem o qual nada pode ser, viver e entender, mas que o *possess* ou qualquer outro termo. Se ele pode ter um nome, o nome que melhor o denominará será certamente o *próprio poder*, do qual nada pode ser mais perfeito. Creio que não existe outro nome mais claro, mais verdadeiro, mais fácil.

**Pedro.** Por que dizes mais fácil, se considero que não há nada mais difícil que uma coisa sempre procurada e nunca plenamente encontrada?

**Cardeal.** Quanto mais clara tanto mais fácil é a verdade. No passado eu pensava que se podia encontrá-la melhor na obscuridade<sup>12</sup>. A verdade tem

---

constituído pelo *De venatione sapientiae*, attingir no *De apice theoriae* o seu ponto culminante” (p. 259).

<sup>9</sup> a) **Latim:** “*posse ipsum*”; b) **Alemão:** “*Das Können*”; c) **Italiano:** “*il potere stesso*”; d) **Espanhol:** “*el poder mismo*”; e) **Inglês:** “*Possibility itself*”.

<sup>10</sup> a) **Latim:** “*Et circa hanc theoriam in his festivitibus versatus sum cum ingenti delectatione.*”; b) **Alemão:** “*Mit dieser Betrachtung habe ich mich während dieser Festtage mit überaus großer Freude beschäftigt*”; c) **Italiano:** “*E in questi giorni festivi mi occupai con grande diletto di questa teoria*”; d) **Espanhol:** “*De esta teoría me he ocupado con gran gozo durante estos días festivos*”; e) **Inglês:** “*And with enormous delight I have been engaged in this contemplative reflection during this festive season*”.

<sup>11</sup> Pedro refere-se ao *Triologus de Possess* provavelmente escrito em 1460 onde o Cardeal cunha o termo *possess* como nome mais adequado do absoluto. O termo é a junção de *posse* e *est* (possibilidade e atualidade) e dirige a atenção do leitor para Deus como Poder Absoluto e Ato Absoluto.

<sup>12</sup> Reportamos aqui a nota explicativa da edição espanhola por apresentar outros textos sobre o mesmo tema: “*Afirmación recurrente em las obras del Cusano, desde De docta ignorantia. ‘Las tinieblas son luz infinita’; ‘esta luz infinita luce siempre en las tinieblas de*

grande força, e nela o *próprio poder* brilha muito. Grita pelas ruas, como lestes no meu livro *O idiota*<sup>13</sup>. Mostra-se certamente e por todas as partes, fácil de descobrir.

## [6]

Qual criança ou adolescente ignora o *próprio poder*, quando afirma poder comer, poder correr, poder falar? Não há ninguém que, dotado de inteligência seja a tal ponto ignorante que não saiba, sem que necessite de mestre, que nada é a não ser que possa ser e que sem poder, nada pode nada, nem ser, nem ter, fazer ou sofrer. Que jovem, se lhe se pergunta se ele poderia transportar uma pedra, e respondendo que poderia, e perguntando de novo se poderia fazê-lo sem poder, acaso não responderia que não? Consideraria absurda e supérflua a última pergunta, porque ninguém, dotado de mente sã, duvidaria que se possa fazer ou ser feita qualquer coisa sem o *próprio poder*.

Todo aquele que pode pressupõe o *próprio poder*, o qual é tão necessário que nada absolutamente pode ser sem pressupô-lo. Se algo pode ser conhecido, nada mais conhecido que o *próprio poder*. Se algo pode ser fácil, nada mais fácil que o *próprio poder*. Se algo pode ser certo, nada mais certo que o *próprio poder*. Assim, nada é anterior, nem mais forte, nem mais sólido, nem mais substancial, nem mais glorioso, e assim sucessivamente. O que carece de poder não pode nem ser, nem ser bom, nem qualquer outra coisa.

**Pedro.** Não vejo nada mais certo que isto e considero que a ninguém possa ficar escondida a verdade destas afirmações.

---

nuestra ignorancia?; 'la exactitud de la verdad luce incomprensiblemente en las tinieblas de nuestra ignorancia'. Las anteriores formulaciones se encuentran en el capítulo 26 del libro I de *La Docta ignorancia*. Cf. también, entre otros lugares, *De visione Dei*, en donde Nicolás de Cusa indica que el rostro de Dios no se revela mientras no se penetra en un cierto secreto y oculto silencio, en el que no hay nada de ciencia ni de concepto de un rostro. Esa oscuridad, niebla, tiniebla o ignorancia revela precisamente que ahí, por encima de todos los velos, está el rostro de Dios. Más adelante, en este mismo capítulo, se señala que para 'ver' el rostro de Dios es preciso trascender toda luz visible; ese trascender lleva consigo que aquello en lo que se penetra carece de luz visible, y por eso es, para el ojo, tiniebla; y cuando más se percata uno que la oscuridad es mayor, tanto más verdaderamente se alcanza en la oscuridad la luz invisible. Cf. también el capítulo XIII de *De visione Dei*? (Luis Gonzáles, 2001, p. 235, n. 7).

<sup>13</sup> O Cusano escreveu os diálogos intitulados *Idiota* no ano de 1450. O texto é composto por quatro livros: *De sapientia* I e II, *De mente* e *De staticis experimentis*.

[7]

**Cardeal.** Entre ti e mim há somente uma diferença de atenção<sup>14</sup>. Se te perguntarem sobre o que vês em todos os descendentes de Adão que foram, são e serão, inclusive ainda que forem infinitos, se prestas atenção à pergunta, acaso não responderias imediatamente que tu vês em todos aqueles o poder paterno do primeiro pai?

**Pedro.** Sim, absolutamente.

**Cardeal.** E se depois te perguntar que vês nos leões, nas águias e em todas as espécies de animais, não responderias do mesmo modo?

**Pedro.** Certamente, não de outro modo.

**Cardeal.** E se te perguntar que vês em todas as coisas causadas e principiadas?

**Pedro.** Afirmaria não ver outra coisa que o poder da causa primeira e do primeiro princípio.

**Cardeal.** E se ainda te perguntasse, já que o poder de tais coisas primeiras é absolutamente inexplicável, de onde tal poder tem essa virtude? Acaso não me responderias em seguida que o tem pelo *próprio poder* absoluto e incontraído<sup>15</sup>, absolutamente onipotente, do qual nada mais poderoso

---

<sup>14</sup> a) **Latim:** “*Solum interest inter te et me attentio*”; b) **Alemão:** “*Zwischen dir und mir besteht nur ein Unterschied im Grad des aufmerksamen Beachtens*”; c) **Italiano:** “*Fra te e me c’è solo una differenza di attenzione*”; d) **Espanhol:** “*Entre tú y yo solamente hay una diferente consideración*”; e) **Inglês:** “*Attentiveness is the only difference between your [seeing] and mine*”.

<sup>15</sup> Para entender esta expressão é necessário compreender o conceito Cusano de *contractio*. Vescovini (1998, p. 27) assim explica tal conceito: “Il concetto di contrazione è anche quello con il quale cerca di spiegare la Verità infinita distinguendola da quella finita, il massimo assoluto dal massimo contratto o mondo. Se i termini complicazione-esplicazione derivano a Cusano dalla speculazione matematica della scuola di Chartres, soprattutto di Teodorico di Chartres che aveva elaborato le teorie dell’aritmetica di Boezio, quello di contrazione aveva avuto uno sviluppo particolare nelle dottrine della scuola neoplatonica di Colonia derivata dall’insegnamento universale di Alberto Magno. Sia nelle opere di Teodorico di Friburgo che in quelle di Duns Scoto, il concetto di *contractio* aveva avuto un’ampia applicazione nel senso di ‘determinazione’ (*determinatio*), ossia di concretizzazione o di individuazione, o restrizione, del comune o generale, nell’individuo concreto o contratto”. Cf. André (1997, p. 351) onde o mesmo afirma que o termo *contractio* aplica-se à finitude e é essencial para se compreender o conceito de universo no pensamento cusano.

pode ser sentido, imaginado ou compreendido, porque é o poder de todo poder, do qual nada pode ser anterior e mais perfeito, e sem o qual nada em absoluto pode existir?

**Pedro.** Certamente assim o afirmaria.

[8]

**Cardeal.** Por isso, o *próprio poder* é a quiddidade e a hipótese de todas as coisas, e na sua potestade estão contidas necessariamente tanto as coisas que são como as que não são. Não afirmarias isto?<sup>16</sup>

**Pedro.** Concordo plenamente.

**Cardeal.** O *próprio poder* é denominado por alguns santos, luz, não sensível, racional ou inteligível, mas luz de todas as coisas que podem brilhar, porque nada pode ser mais resplandecente, nem mais claro, nem mais belo que o *próprio poder*. Consideres, pois, a luz sensível, sem a qual a visão sensível não pode existir e preste atenção como em toda cor e em todo o visível não há outra hipótese que a luz, que aparece de modo variado nos diversos modos de ser das cores. E observa também como, suprimida a luz, não pode permanecer nem a cor, nem o visível, nem a vista. Porém, a claridade da luz, tal como é em si, supera a potência visual. Portanto, não é vista como é em si mesma, mas se manifesta nas coisas visíveis, numa mais claramente e noutra de modo mais obscuro. O visível é mais nobre e mais belo quanto mais claramente representa a luz. Porém a luz complica<sup>17</sup> e supera a claridade e beleza de todas as coisas visíveis. A luz

---

<sup>16</sup> Até este ponto o autor mostra a evidência do *próprio poder* como princípio do ser e do conhecer. Em seguida, apresentará a metáfora/enigma/símbolo da luz para melhor se compreender o *próprio poder*, como pressuposto a tudo. No texto que segue vamos encontrar um primeiro momento quando Nicolau parte da consideração da luz sensível. Destaquemos alguns pontos importantes: outro nome para o “próprio poder”: luz não sensível, racional ou inteligível; sem a luz sensível, a visão sensível não pode existir; a luz é hipótese de toda cor e de todo visível; aparece de modo variado nos diversos modos de ser das cores; suprimida a luz, não pode permanecer nem a cor, nem o visível, nem a vista; a claridade da luz, em si, supera a potência visual. Portanto, a luz não é vista em si mesma, mas se manifesta nas coisas visíveis de modo variado; a luz complica e supera a claridade e beleza de todas as coisas visíveis; a luz aparece de modo invisível nas coisas visíveis.

Sobre o uso da metáfora em Nicolau de Cusa e sua relação com o conhecimento, cf. André (2005).

<sup>17</sup> *Complicatio* é um termo chave da filosofia do Cusano e deve ser articulado com o termo *explicitio*: André (1997, p. 189-190) assim se exprime sobre estes conceitos: “A

não se manifesta nas coisas visíveis aparecendo como visível, mas mostrando-se invisível, já que sua claridade não pode ser compreendida nas coisas visíveis. Aquele que vê que a claridade da luz é invisível nas coisas visíveis, a vê de modo mais verdadeiro<sup>18</sup>. Compreendes isto?

**Pedro.** Entendo com mais facilidade pelas vezes que te escutei sobre isso.

[9]

**Cardeal.** Transfere<sup>19</sup>, pois, estas coisas sensíveis ao inteligível<sup>20</sup>, por exemplo, transfira o poder da luz ao poder simplesmente, quer dizer, ao

‘complicação’ significa a presença de tudo em Deus; a ‘explicação’ remete para a presença de Deus em tudo. ‘Complicar’ e ‘explicar’ radicam no verbo grego *πλεκειν* que significa dobrar, o qual, com os prefixos com- e ex- envolve, no primeiro caso, uma dimensão de total fechamento de um conjunto sobre si próprio e, no segundo caso, de abertura e desdobramento para o exterior. Numa perspectiva dinâmica (e Nicolau de Cusa não deixa de conotar permanentemente estes conceitos com tal perspectiva dinâmica), esta ideia seria traduzível pelo significado etimológico de comprimir e exprimir. A fórmula ‘complicatio-explicatio’ visa, assim, exprimir a relação entre identidade e diferença no pensamento cusano: a ‘complicatio’ é a identidade na sua plenitude de sentido, anterior a qualquer oposicionalidade e alteridade, a ‘explicatio’ é a diferenciação dessa absoluta identidade não apenas em sentidos diferentes mas na própria diferença subjacente à distinção entre identidade e diferença”. Cf. também o texto de Vescovini (1998, p. 26): “La coppia complicazione-esplicazione gli è utile per spiegare la concentrazione (*complicatio*) di tutto nell’infinità di Dio, per giustificare meglio una nozione aliena all’aristotelismo metafisico medievale, ma non la dottrina della scuola scotista e cioè, quella dell’infinito in atto. Con il concetto di esplicazione cercherà di spiegare la creazione, anche se nelle ultime opere preferirà sostituire questo termine di esplicazione (troppo legato ad implicazioni panteistiche, come del resto quello di emanazione che impiega pochissimo e che mostra di non gradire nelle ultime opere), con quello di ‘intenzione’ (o di intenzioni) dell’onnipotenza divina: le creature non sono tanto esplicazioni o enti, quanto ‘intenzioni’ della volontà divina che hanno avuto come causa la sua onnipotenza o volontà. Essa ha, così, ‘inteso’ manifestarsi in quel certo modo intenzionale che è la creatura”.

<sup>18</sup> a) **Latim:** “*Qui enim claritatem lucis in visibilibus invisibilem videt, verius ipsam videt*”; b) **Alemão:** “*Wer nämlich die Klarheit des Lichtes in den sichtbaren Dingen als unsichtbare Klarheit sieht, sieht sie zutreffender.*”; c) **Italiano:** “*Colui che nei visibili vede invisibile la chiarezza della luce, costui la vede in modo più vero.*”; d) **Espanhol:** “*El que ve que la claridad de la luz es invisible en las cosas visibles, la ve de modo más verdadero.*”; e) **Inglês:** “*For he who in visible things sees light’s clarity as invisible sees light’s clarity more truly*”.

<sup>19</sup> Este é o segundo momento da metáfora/enigma/símbolo da luz para se atingir o “próprio poder”. É o momento indicado pelo uso do termo “*transfer*”. Assim, Nicolau indica que se deve trasladar do sensível ao inteligível; do poder da luz ao poder simplesmente e do ser da cor ao ser simples. Dentro desta segunda parte podemos distinguir três momentos: o primeiro momento é indicado pelo próprio uso do termo

*próprio poder* absoluto e o ser da cor ao ser simples. Com efeito, o ser simples, visível só à mente, está para mente como o ser da cor está para o sentido da visão. E examine com atenção o que vê a mente nos diversos entes que não são nada, exceto o que podem ser e que podem ter o que unicamente receberam do *próprio poder*. E verás que os diversos entes não são outra coisa que modos diversos de aparição do *próprio poder*, a quididade não pode ser diversa, já que é o *próprio poder* que se apresenta de formas distintas.

## [10]

Nas coisas que são, vivem ou entendem, nada mais pode ser visto que o *próprio poder* do qual são manifestações o poder ser, o poder viver e o poder entender. O que mais pode ser visto em toda potência a não ser o poder de toda potência? Todavia, em todas as potências do ser ou do conhecer, o *próprio poder*, tal como é em si mesmo, não pode estar contido de modo perfeitíssimo, mas numas aparece de modo mais potente que em outras; mais potente certamente no poder intelectual que no sensível, já que o intelecto é mais poderoso que os sentidos. O *próprio poder* em si mesmo, acima de toda potência cognoscitiva, por meio, porém, do poder inteligível pode ser visto de um modo mais verdadeiro quando se vê que ele supera toda a força da capacidade do poder inteligível. Aquilo que o intelecto

---

“*transfer*” (transferir); o segundo momento é indicado pelo uso do termo “*introspicias*” (examinar) e o terceiro pelo uso do termo “*videbis*” (verás). Assim, a metáfora/enigma/símbolo da luz conduz não para uma visão compreensiva, mas partindo do que se pode compreender busca-se ver o incompreensível. Portando nos conduz para reconhecermos que “os diversos entes não são outra coisa que modos diversos de aparecimento do *próprio poder*” e que, conseqüentemente, a quididade não pode ser diversa, já que é o *próprio poder* que se mostra de distintas maneiras.

Sobre o sentido da *transsumptio* em Nicolau de Cusa, cf. André (2001).

<sup>20</sup> a) **Latim**: “*Transfer igitur haec sensibilia ad intelligibilia*”; b) **Alemão**: “*Übertrage nun diese Sinnenfällige auf die Ebene des mit der Vernunft Einsehbaren..*”; c) **Italiano**: “*Trasportati ora dal sensibile all’intelligibile*”; d) **Espanhol**: “*Traslada, pues, estas cosas sensibles a lo inteligible*”; e) **Inglês**: “*Transfer, then, to intelligible things these [considerations about] perceptual things*”. Podemos perceber algumas nuances nas traduções acima. Parece-nos que a tradução italiana afasta-se das outras, pois indica que o sujeito do conhecimento deve transportar-se do sensível ao inteligível. O *haec* latino será traduzido por *dieses* em alemão e por *estas cosas* em espanhol, mas no inglês o autor traduz por *these*, mas explica que este não se refere às coisas, mas *considerations about*. Resumindo: temos a tradução italiana que enfatiza que o sujeito deve transferir-se das coisas sensíveis às inteligíveis; a tradução inglesa destacando que a transferência refere-se ao modo de considerar e as traduções alemã e espanhola apontando para o salto das coisas sensíveis às inteligíveis.

compreende isto ele entende. Portanto quando a mente, em seu poder, observa que o *próprio poder*, por causa de sua excelência, não pode ser alcançado, então o vê com a sua vista acima da sua capacidade, o mesmo que a criança vê que a grandeza de uma pedra é maior do que a capacidade de sua força poderia transportar. Portanto, o poder ver da mente supera o poder compreender.

[11]

Por isso a visão simples da mente não é de natureza compreensiva, mas da visão compreensiva se eleva para ver o incompreensível, do mesmo modo que quando vê e compreende que uma coisa é maior que outra, eleva-se para ver aquilo do qual nada pode ser maior. E isto é certamente infinito, maior que todo o mensurável ou compreensível.

Este poder de ver da mente, acima de toda virtude e potência de compreender, é o seu poder supremo no qual se manifesta maximamente o *próprio poder*; e este é ilimitado em todas as coisas que estão aquém do *próprio poder*. O poder ver da mente está unicamente ordenado ao *próprio poder*, para que a mente possa prever aquilo ao qual tende, do mesmo modo que um viajante prevê o término de seu caminho para poder dirigir seus passos à meta desejada. Portanto, se a mente não pudesse ver de longe a meta do seu repouso, do desejo, de sua alegria e felicidade, como poderia correr para compreendê-la? Bem dizia o Apóstolo que nós devíamos correr para compreender<sup>21</sup>. Reúne, pois, estas coisas que dissemos de modo que vejas tudo ordenado a isto, a saber, que a mente possa correr até o *próprio poder* que vê de longe, e compreenda o incompreensível do melhor modo que possa, porque o *próprio poder*, quando aparece na glória de sua majestade, é o único que pode saciar o desejo da mente. Ele é o “*quid*” que se busca. Concordas com o que eu disse?

[12]

**Pedro.** Vejo que estas coisas que afirmastes são verdadeiras, ainda que superem minha capacidade. Que outra coisa poderia saciar o desejo da mente, exceto o *próprio poder*, poder de todo poder, sem o qual nada pode nada? Se pudesse ser outra coisa distinta do *próprio poder*, como poderia sem

---

<sup>21</sup> I Cor. 9, 24: “*Nescitis quod hi, qui in stadio currunt, omnes quidem currunt, sed unus accipit bravium? Sic currite, ut comprehendatis*”. “Não sabeis que aqueles que correm no estádio, correm todos, mas um só ganha o prêmio? Correi, portanto, de maneira a consegui-lo”.

o poder? E se sem poder não o pudesse, certamente do *próprio poder* ela teria o que pudesse.

A mente não se sacia, a menos que compreenda aquilo do qual nada pode ser melhor. E isto não pode ser mais que o *próprio poder*, quer dizer, o poder de todo poder. Portanto, tu vêes corretamente que só o *próprio poder*, este “*quid*” que toda mente busca, é o princípio do desejo da mente, já que é aquilo a respeito do qual nada pode ser anterior e é o fim do próprio desejo da mente<sup>22</sup>, pois nada se pode desejar além do *próprio poder*.

[13]

**Cardeal.** Muito bem, vêes agora, Pedro, quanto te ajuda para facilmente me compreender, o diálogo habitual comigo e a leitura de meus opúsculos. Não tenho dúvidas de que tudo o que vejo sobre o *próprio poder*, também tu logo o verás se prestares atenção. Com efeito, como toda questão sobre o “pode” pressupõe o *próprio poder*, nenhuma dúvida pode ser levantada sobre o mesmo; nenhuma dúvida toca o *próprio poder*.

Quem perguntasse se o *próprio poder* é, imediatamente, se daria conta, se está atento, que a pergunta não é pertinente, já que sem o poder não se poderia perguntar pelo *próprio poder*. Menos ainda, pode-se perguntar se o *próprio poder* é isto ou aquilo, já que o poder ser e o poder ser isto ou aquilo pressupõem o *próprio poder*. E deste modo fica claro que o *próprio poder* precede a toda dúvida que se possa levantar. Portanto, nada é mais certo que ele, já que a dúvida não pode senão pressupô-lo, e nada se pode pensar que seja mais suficiente ou perfeito que ele. A ele nada se pode acrescentar e dele nada pode ser separado ou nele está diminuído.

---

<sup>22</sup> Um aspecto importante da gnosiologia do Cusano é a sua especial dimensão teleológica, pois a investigação que leva a compreender a Deus e nomeá-lo adequadamente diz respeito também à realização última daquele que busca. No *De principio*, 26, Nicolau adverte que o uno e o bem são por todos desejáveis e, o intelecto, desejando o que não conhece e não compreende, define a este não-conhecido e não-compreendido como ‘uno’ adivinhando, de certo modo, sua hipótese a partir do desejo que todos têm do uno. Portanto, é o desejo intelectual que conduz o homem a Deus, uno e bem. Pode-se ainda dizer que para Nicolau o homem recebeu do próprio Deus a potencialidade de conhecê-lo, ou seja, a natureza intelectual humana é destinada ao conhecimento do máximo e só se realizará levando a termo este conhecimento (*Trilogus de Possess*, 38). Mas, para que isto aconteça de fato, ou seja, para que o espírito humano realize esta potência que lhe é própria, o espírito divino aperfeiçoador lhe concede muitas luzes (*De dato patris luminum*, V, 115).

[14]

**Pedro.** Peço-te que me digas agora somente se desejas revelar algo sobre o ente primeiro de modo mais claro do que tens feito até agora<sup>23</sup>. Dissestes certamente muitas coisas com freqüência e de modo amplo, ainda que não tanto quanto possa ser dito.

**Cardeal.** Proponho-me revelar-te agora esta facilidade, que não comuniquei abertamente até agora, e que considero muito secreta: a saber, que toda precisão especulativa deve fundamentar-se exclusivamente no *próprio poder* e em sua aparição, e que é isto o que tentaram expressar todos aqueles que viram as coisas corretamente<sup>24</sup>.

Os que afirmavam a existência somente do uno, referiam-se ao *próprio poder*. Aqueles que sustentavam o uno e o múltiplo, o que faziam era considerar o *próprio poder* e as múltiplas formas de ser de sua aparição.

Os que afirmaram que nada de novo pode acontecer consideraram o *próprio poder* de todo poder ser ou devir. Por outro lado, os que afirmam a novidade do mundo e das coisas, dirigiam sua mente para a aparição do *próprio poder*. O mesmo que se alguém dirigisse sua visão mental ao poder da unidade, esse certamente não veria, em todo número e pluralidade, outra coisa a não ser o *próprio poder* da unidade, do qual nada é mais potente, e veria que todo número não é outra coisa a não ser a aparição do *próprio poder* da unidade inumerável e sem limite. Os números, com efeito, não são outra coisa senão modos especiais da aparição do poder da própria unidade. E este poder aparece no três ímpar melhor que no quatro. E em certos números

<sup>23</sup> a) **Latim:** “*Solum quaeso nunc dicito, an iam clarius aliquid quam ante de primo velis revelare.*”; b) **Alemão:** “*Num sag aber doch bitte, ob du willens bist, noch etwas deutlicher als zuvor Aufklärung über das Erste zu geben*”; c) **Italiano:** “*Ti prego, ora, di dirmi soltanto se vuoi rivelare intorno all'ente primo qualcosa più chiaramente di quanto tu non abbia fatto in precedenza*”; d) **Espanhol:** “*Te ruego que ahora me digas solamente si deseas manifestar algo sobre el ente primero de modo más claro de lo que lo has hecho hasta ahora*”; e) **Inglês:** “*Tell [me] now, I ask, only the following: whether you now wish to disclose something clearer than before regarding the First.*”.

<sup>24</sup> a) **Latim:** “*puta omnem praecisionem speculativam solum in posse ipso et eius apparitione ponendam, ac quod omnes qui recte viderunt, hoc conati sunt exprimere.*”; b) **Alemão:** “*daß nämlich der ganze Scharfsinn der Spekulation allein im Können selbst und seiner Erscheinung begründet werden muß und daß alle, die richtige Einsicht hatten, dies auszudrücken sich bemühten.*”; c) **Italiano:** “*ogni precisione speculativa è da riporsi nel potere stesso e nella sua apparizione; che questa stessa cosa tentarono di esprimere tutti coloro che videro rettamente*”; d) **Espanhol:** “*que toda precisión especulativa ha de fundamentarse exclusivamente en el poder mismo y en su aparición, y que es esto lo que han intentado expresar todos aquellos que han examinado las cosas adecuadamente*”; e) **Inglês:** “*(1) that all precision-of-speculation is to be fixed only on Possibility and its manifestation and (2) that all men who have seen accurately have endeavored to express this truth*”.

perfeitos, melhor que em outros. Do mesmo modo os gêneros e as espécies e coisas semelhantes hão de referir-se aos modos de ser da aparição do *próprio poder*.

### [15]

Os que afirmam que não existem muitas formas que proporcionam o ser, referem-se ao *próprio poder*, do qual nada é mais suficiente. E os que dizem que existem muitas formas específicas se referem aos modos de ser específicos da aparição do *próprio poder*.

Aqueles que afirmaram que Deus é a fonte das idéias e que as idéias são muitas queriam dizer isto que estamos dizendo, a saber, que Deus é o *próprio poder*, que aparece nos modos de ser diversos e diferentes em espécie. Os que negam as idéias e estas formas referem-se ao *próprio poder*, o único que é o “*quid*” mesmo de todo poder.

Aqueles que afirmam que nada pode morrer consideram o *próprio poder* como eterno e incorruptível. Os que afirmam que a morte é uma coisa e considera que as coisas perecem conduziram seu olhar aos modos de ser da aparição do *próprio poder*. Aqueles que afirmam que Deus – Pai Onipotente – é o Criador do céu e da terra, dizem o que afirmamos, quer dizer, que o *próprio poder*, do qual nada é mais onipotente, criou o céu e a terra e todas as coisas mediante sua aparição. Em todas as coisas, que são o que podem ser, não pode ser vista outra coisa além do *próprio poder*, como em todas as coisas feitas e por se fazer não pode ver-se senão o poder do primeiro que fez, e em todas as coisas movidas e nas que hão de mover-se o poder do primeiro motor. Portanto, com estas análises, vê-se que tudo resulta fácil e que toda diferença se traspassa em concordância<sup>25</sup>.

### [16]

Portanto, caríssimo Pedro, dirige o olho da mente com aguda atenção a este segredo, e com estas análises<sup>26</sup> inicia-te em meus escritos e em todos os

---

<sup>25</sup> a) **Latim**: “*Talibus igitur resolutionibus vides cuncta facilia et omnem differentiam transire in concordantiam.*”; b) **Alemão**: “*Aufgrund derartiger Analysen also erkennst du, daß alles ganz leicht ist und daß jede Differenz in Konkordanz übergeht.*”; c) **Italiano**: “*Mediante questo metodo risolutivo vedi che tutte le cose risultano facili ed ogni differenza si traduce in concordanza.*”; d) **Espanhol**: “*Por tanto, con estos análisis compruebas que todo resulta fácil y que toda diferencia se resuelve en concordancia.*”; e) **Inglês**: “*Accordingly, by such analyses [as the foregoing] you see that all [these speculative matters] are easy, and you see that all differences pass over into a concordance*”.

<sup>26</sup> a) **Latim**: “*Velis igitur, mi Petre valde dilecte, mentis oculum acuta intentione ad hoc secretum convertere et cum ista resolutione*”; b) **Alemão**: “*Deshalb solltest du, mein lieber Peter, das Auge des*

demais que lês e exercita-te especialmente nos meus opúsculos e meus sermões, particularmente o *De dato Luminē*<sup>27</sup>, que bem entendido de acordo com o que dissemos antes, contem o mesmo que este livro. Igualmente recorda-te meus livros *De icona* ou *De visu Dei*<sup>28</sup> e *De quaerendo deum*<sup>29</sup>, para habituar-te melhor a estes assuntos teológicos<sup>30</sup>. E a estes livros acrescenta com grande amor o *Memorial do ápice da teoria*<sup>31</sup>, que agora te apresento brevemente. Serás, espero, um afeito contemplador de Deus e em tuas orações rezarás sempre por mim.

---

*Geistes mit geschärfter Aufmerksamkeit auf dieses Geheimnis richten, meine Schriften und deine sonstige Lektüre so analysieren*”; c) **Italiano**: “O carissimo Pietro, rivolgi attento gli occhi della mente a questo segreto e con codesto metodo risolutivo”; d) **Espanhol**: “Por consiguiente, mi muy querido Pedro, dirige el ojo de la mente con aguda atención a este secreto, y con este modo de analizar”; e) **Inglês**: “Therefore, my dearly beloved Peter, with keen directedness turn your mind’s eye to this secret, and with this analysis”.

<sup>27</sup> *De dato Patris luminum* (1446): “El Cusano, a petición, [...], de Gerardo di Treveri [o bispo de Salona], da una explicación del pasaje de la carta del apóstol Santiago [1, 17], en el cual se afirma que todo don perfecto viene de lo alto, del Padre de las luces”. (Luis Gonzáles, 2000, p. 20)

<sup>28</sup> *De visione Dei* (1453), dedicada aos monges do Tegernsee. “Trata-se de um escrito cujo estilo, atingindo momentos de rara beleza, procura colocar o leitor num contacto privilegiado com a experiência mística da sua finitude imersa no horizonte inexaurível e inatingível da plenitude infinita de Deus e por ela iluminada no seu tateante desejo de auto-superação numa projecção permanente para a fonte inesgotável de um olhar que é criação, vida e acto absoluto de todas as possibilidades da visão humanamente contraída. Após as primeiras páginas em que o quadro motivador da reflexão é explorado nas suas virtualidades sensíveis, depara-se-nos um conjunto de vinte e dois capítulos em que a meditação mística se converte num profundo solilóquio com Deus, atravessando sucessivamente alguns temas filosófico-teológicos, cujo desenvolvimento projecta o leitor para uma tal densidade especulativa e metafísica que, contrastando aparentemente com a dimensão dialógica do escrito, o inscreve nas fronteiras mais recônditas do espírito quinhentista em que se tocam, no limiar da luz com as trevas, a religião, o misticismo e a filosofia”. (André, 1985, p. 103)

<sup>29</sup> *De quaerendo Deum* (1445): “Il problema discusso è suggerito da un passo degli *Atti degli Apostoli*, la predica di S. Paolo agli Ateniesi sul dio ignoto: com’è possibile cercare Dio, se egli è superiore ad ogni capacità dell’intelletto umano; se siamo stati messi al mondo col fine di cercare Dio, il mondo ci dovrebbe esser d’aiuto; e tuttavia l’apostolo dice che fra le creature – sia le cose del mondo, sia la nostra stessa natura intellettuale – non potremo mai trovarne alcuna che sia simile a Dio”. (Santinello, 1980, p. 16)

<sup>30</sup> a) **Latim**: “ut in his theologicis melius habitueris”; b) **Alemão**: “um mit diesen theologischen Fragen noch besser vertraut zu werden.”; c) **Italiano**: “per abituarti meglio a queste speculazioni teologiche.”; d) **Espanhol**: “para acostumararte mejor a estos asuntos teológicos.”; e) **Inglês**: “so that you may better familiarize yourself with these theological matters.”

<sup>31</sup> a) **Latim**: “et istis memoriale apicis theoriae”; b) **Alemão**: “die Kurzfassung dieser Schrift De apice theoriae”; c) **Italiano**: “il memoriale dell’apice della theoria.”; d) **Espanhol**: “el memorial de la cumbre de la teoría.”; e) **Inglês**: “the memorandum concerning the loftiest level of contemplative reflection”.

[17]

### Memorial do *ápice da teoria*

O *ápice da teoria* é o *próprio poder*, poder de todo poder, sem o qual nada pode ser contemplado. Deste modo, como poderia sem o poder?

I. Ao *próprio poder* não se pode acrescentar nada, porque ele é o poder de todo poder. O *próprio poder* não é, portanto, poder ser, ou poder viver, ou poder entender; e igualmente deve ser dito de todo poder com qualquer acréscimo, se bem que o *próprio poder* é o poder do próprio poder ser, do próprio poder viver e do próprio poder entender.

[18]

II. Não existe senão aquilo que pode ser. Portanto, o ser não acrescenta nada ao poder ser. Assim, o homem não acrescenta algo ao poder ser homem; nem o homem jovem acrescenta nada ao poder ser homem jovem ou homem adulto. E como o poder com um acréscimo não acrescenta nada ao *próprio poder* aquele que contempla com agudeza não vê nada além do *próprio poder*.

[19]

III. Nada pode ser anterior ao *próprio poder*: como poderia sê-lo sem poder? Deste modo, nada pode ser melhor, mais poderoso, mais perfeito, mais claro, mais conhecido, mais verdadeiro, mais suficiente, mais forte, mais estável e mais fácil que o *próprio poder*. E, conseqüentemente, o mesmo há que afirmar de tudo mais; e como o *próprio poder* precede a todo poder com acréscimo, esse não pode nem ser, nem nomear-se, nem ser sentido, imaginado ou entendido. O que se entende por meio do *próprio poder* precede a todas essas coisas, ainda que seja a hipóstase de todas elas, como o é a luz em relação a todas as cores.

[20]

IV. O poder com um acréscimo é imagem do *próprio poder*, do qual nada existe mais simples. Assim, o poder ser é imagem do *próprio poder*, e o poder viver é imagem do *próprio poder*, e o poder entender é imagem do *próprio poder*. Todavia, sua imagem mais verdadeira é o poder viver, e a mais verdadeira, todavia, é o poder entender. Quem contempla vê em todas as

coisas o *próprio poder*, como na imagem se vê a verdade. E como a imagem é aparição da verdade, do mesmo modo todas as coisas não são senão aparição do *próprio poder*.

[21]

V. O poder da mente de Aristóteles se manifesta em seus livros, mesmo quando estes não mostram perfeitamente o poder de sua mente. Todavia, ainda que um livro expresse de um modo mais perfeito que outro e ainda que os livros não tenham sido editados com outra finalidade senão para que a mente livre e nobre se manifeste, do mesmo modo se manifesta o poder em todas as coisas. A mente é como um livro intelectual que vê em si mesma e em todas as coisas a intenção do escritor.

[22]

VI. Ainda que os livros de Aristóteles não contenham outra coisa que o poder de sua mente, todavia, os que isto ignoram não o vêem. Igualmente, ainda que no universo não esteja contida outra coisa senão o *próprio poder*, todavia, os que carecem de mente não podem vê-lo. Porém, a viva luz intelectual que se chama mente, contempla em si mesma o *próprio poder*. Assim, todas as coisas são em virtude da mente, e a própria mente é em virtude de seu ver o *próprio poder*.

[23]

VII. O poder escolher complica em si o poder ser, o poder viver e o poder entender. E é o poder da vontade livre que de nenhuma forma depende do corpo, como depende, pelo contrário, o poder corruptível do desejo animal. Por isso não segue a enfermidade do corpo. Não envelhece ou desfalece como a concupiscência ou os sentidos nos anciãos, mas permanece sempre e predomina sobre os sentidos. Não permite, com efeito à visão olhar cada vez que esta sente tal inclinação, mas o impede de ver coisas vãs e escandalosas, como impede a quem tem fome de comer e analogamente acontece em outros casos. A mente vê, portanto, coisas louváveis e escandalosas, virtudes e vícios que os sentidos não vêem, e pode obrigar o sentido a submeter-se ao seu juízo, e não ao próprio desejo. Nisto experimentamos que o *próprio poder* aparece de modo poderoso e incorruptível no poder da mente e que a mente tem um ser separado do corpo. Disto menos se maravilha quem experimenta que no aguardente

estão presentes os poderes de certas ervas separadas dos corpos das mesmas ervas, quando observa no aguardente a mesma força que a erva tinha antes que fora introduzida nele.

[24]

VIII. As coisas que a mente vê são inteligíveis, e estas são anteriores às sensíveis. A mente vê a si mesma e já que vê que seu poder não é o poder de todo poder, já que muitas coisas lhe são impossíveis, a mente vê que não é o *próprio poder*, mas imagem do *próprio poder*. Vendo, portanto, em seu mesmo poder o *próprio poder* e vendo que este não é outra coisa que o seu poder ser, a mente vê então que é um modo de aparição do *próprio poder*. E isto mesmo vê igualmente em todas as coisas que existem. Portanto, todas as coisas que a mente vê são modos de aparição do *próprio poder* incorruptível.

[25]

IX. O ser do corpo ainda que seja ignóbil e ínfimo, é visto só pela mente. Aquilo que o sentido vê é o acidente que não é, mas que está em outro. O ser do corpo, que não é outra coisa senão o poder ser do corpo, não pode ser alcançado por nenhum sentido, já que não tem nem qualidade nem quantidade, e por isso não é divisível nem corruptível. Portanto, quando divido um fruto não divido um corpo. A parte do fruto é tão corpo quanto o fruto inteiro. O corpo é longo, largo e profundo, sem os quais não seria corpo nem uma perfeita dimensão. O ser do corpo é o ser de uma dimensão perfeita. A extensão corporal não está separada da largura e da profundidade, e igualmente a largura da extensão e da profundidade, e a profundidade da extensão e da largura. Porém, estas não são partes do corpo, porque a parte não é o todo. De fato a extensão do corpo é corpo, e assim também a largura e a profundidade. Nem a extensão do ser corporal, que é corpo, é um corpo distinto da largura do mesmo ser corporal ou de sua profundidade: cada uma destas três dimensões é o mesmo corpo indivisível e não multiplicável. Ainda que a extensão não seja a largura ou a profundidade, todavia extensão é o princípio da largura, e extensão junto com largura é o princípio da profundidade. Assim a mente vê o *próprio poder* aparecer de modo incorruptível no ser unitrino do corpo. E já que o vê desse modo no ser ínfimo do corpo, também o vê aparecer de modo mais nobre em todo ser mais nobre e potente e no próprio ser de modo mais claro que no ser vivente ou corpóreo. Como o poder unitrino aparece

claramente na mente que recorda, entende e quer, a mente de Santo Agostinho o viu e o manifestou.

[26]

X. No operar ou no fazer a mente vê de maneira certíssima que o *próprio poder* aparece no poder fazer do que faz, no poder ser feito do factível e no poder da conexão de ambos. Não são três poderes, mas é o mesmo poder daquele que faz, do factível, e o da conexão dos dois. Assim, na sensação, na visão, na degustação, na imaginação, na intelecção, na volição, na eleição, na contemplação e em todas as obras boas e virtuosas, a mente vê o poder uno e trino, resplendor do *próprio poder*, do qual nada é mais operativo e perfeito. As obras viciosas pelo contrário, já que o *próprio poder* não resplandece nelas, a mente as experimenta como vãs, más e mortas, de modo que estas obscurecem e corrompem a luz da mente.

[27]

XI. Não pode existir outro princípio substancial ou quiditativo, seja formal ou material, que não seja o *próprio poder*. E quem falou de diversas formas e formalidades, de idéias e de espécies não dirigiu sua atenção ao *próprio poder*, como ele se manifesta, segundo a sua vontade, nos diversos modos genéricos e específicos do ser. E nas coisas nas quais não brilha falta hipóstase, como por exemplo, o vazio, o defeito, o erro, o vício, a enfermidade, a morte, a corrupção e coisas semelhantes. Estas carecem de entidade por carecerem da aparição do *próprio poder*.

[28]

XII. Com *próprio poder* se compreende Deus como trino e uno, cujo nome é onipotente<sup>32</sup>, ou seja, poder de toda potência, no qual todas as coisas são possíveis e nada é impossível, e é a fortaleza dos fortes e a força das forças, cuja perfeitíssima aparição, da qual nenhuma outra pode ser mais perfeita, é Cristo, que nos conduz, com sua palavra e com seu exemplo, a

---

<sup>32</sup> a) **Latim**: “Per posse ipsum deus trinus et unus, cuius nomen omnipotens”; b) **Alemão**: “Mit ‘Können selbst’ wird der dreifache und eine Gott bezeichnet”; c) **Italiano**: “Per potere stesso s’intende Dio trino ed uno, il cui nome è quello di onnipotente”; d) **Espanhol**: “Mediante el poder mismo se comprende a Dios como trino y uno, cuyo nombre es omnipotente”; e) **Inglês**: “The triune and one God – whose name is ‘the Omnipotent one’, or ‘the Power of all power’ – is signified by ‘Possibility itself’”.

contemplação clara do *próprio poder*. E esta é a felicidade, a única que pode saciar o desejo supremo da mente. Estas poucas coisas são as únicas que podem ser suficientes.

## Referências e bibliografia de apoio

### — Obras de Nicolau de Cusa

De apice theoriæ/ L'apice della teoria. In: CUSANO, N. *Scritti filosofici*. Traduzione di G. Santinello. Bolonha: Zanichelli, 1980. Vol. I com texto latino à frente. p. 363-387.

*El principio*. Introducción, traducción y notas de Miguel Angel Leyra. Navarra: Eurograf, 1994. (Cuadernos de Anuário Filosófico).

De apice theoriæ (concerning the loftiest level of contemplative reflection). Translated into English by Jasper Hopkins. Minneapolis: The Arthur J. Banning Press, 1998. p. 1422-1442. Disponível em: < <http://jasper-hopkins.info/DeApice12-2000.pdf> >. Acesso em: 5 maio 2010.

*El don del padre de las luces*. Traducción, introducción y notas de Angel Luis Gonzáles. Navarra: Eurograf, 2000. (Cuadernos de Anuário Filosófico).

*Diálogos del idiota; El Possest; La cumbre de la teoría*. Introducción, traducción y notas de Ángel Luis González. Navarra: EUNSA-Ediciones Universidad de Navarra, 2001.

De apice theoriæ/Die höchste Stufe der Betrachtung. In: KUES, Nikolaus von. *Philosophisch-Theologische Werke*. Lateinisch-deutsch. Band IV. Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 2002. p. 1-43.

O ápice da teoria. Trad. Enio Paulo Giachini. *Scintilla* – Revista de filosofia e mística medieval. Faculdade de Filosofia São Boaventura, Sociedade Brasileira de Filosofia Medieval. Curitiba, vol. 4, n. 1, p. 131-139, jan.-jun. 2007. Disponível em: < <http://www.saoboaventura.edu.br/pdf/scintillavol4n1.pdf> >. Acesso em: 5 maio 2010.

*Acerca de lo no-otro o de la definición que todo define*. Nuevo texto crítico original (edición bilingüe). Introducción de Jorge M. Machetta y Klaus Reinhardt. Traducción de Jorge M. Machetta. Buenos Aires: Biblos, 2008.

## — Outras fontes

ANDRÉ, J. M. Introdução. In: CUSA, Nicolau de. *A visão de Deus*. Trad. João Maria André. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1985. p. 79-130.

ANDRÉ, J. M. *Sentido, simbolismo e interpretação no discurso filosófico de Nicolau de Cusa*. Coimbra: Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1997.

ANDRÉ, J. M. *Coincidentia oppositorum*, concórdia e sentido existencial da *transumptio* em Nicolau de Cusa. In: ANDRÉ, J. M.; ÁLVAREZ GÓMEZ, M. (Coord). *Coincência dos opostos e concórdia: caminhos do pensamento em Nicolau de Cusa*. Actas do Congresso Internacional realizado em Coimbra e Salamanca nos dias 5 a 9 de Novembro de 2001. Faculdade de Letras: Coimbra, 2001. p. 213-243.

ANDRÉ, J. M. Conocer es dialogar. Las metáforas del conocimiento y su dimensión dialógica en el pensamiento de Nicolás de Cusa. In: MACHETTA, J. M.; D'AMICO, C. (Ed.). *El problema del conocimiento en Nicolás de Cusa: genealogía y proyección*. Buenos Aires: Biblos, 2005. p. 15-38.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1992.

GARCÍA GONZÁLEZ, M. Introducción. In: CUSA, Nicolás de. *El don del padre de las luces*. Traducción, introducción y notas de Angel Luis Gonzáles. Navarra: Eurograf, 2000. p. 5-32. (Cuadernos de Anuário Filosófico).

LUIS GONZÁLEZ, Á. Introducción al *El Possesit*. In: CUSA, Nicolás de. *Diálogos del idiota; El Possesit; La cumbre de la teoría*. Introducción, traducción y notas de Ángel Luis González. Navarra: EUNSA-Ediciones Universidad de Navarra, 2001. p. 127-149.

NOVUM TESTAMENTUM LATINE. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1992.

SANTINELLO, G. Introduzione. In: CUSANO, N. *Scritti filosofici*. Traduzione di G. Santinello. Bolonha: Zanichelli, 1980. Vol. II com texto latino à frente. p. 2-32.

VESCOVINI, G. F. Introduzione. In: CUSANO, Nicola. *La dotta ignoranza*. A cura di Graziella Federici Vescovini. 2. ed. Roma: Città Nuova, 1998. p. 5-35.